

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

AMANDA APARECIDA RODRIGUES LEAL
JYENIFFER TAVEIRA SILVA

FRENTE E VERBO:
O LADO DE QUEM FAZ A NOTÍCIA

GOIÂNIA
2020

AMANDA APARECIDA RODRIGUES LEAL

JYENIFFER TAVEIRA SILVA

FRENTE E VERBO:

O LADO DE QUEM FAZ A NOTÍCIA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador(a): Prof. Dr. Rogério Borges.

GOIÂNIA

2020

LEAL, Amanda Aparecida Rodrigues; SILVA, Jyeniffer Taveira. Frente e Verbo: o lado de quem faz a notícia. Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Escola de Comunicação: Faculdade de Jornalismo. Goiânia. 2020.

Trabalho de Conclusão de Curso Aprovado em ____/____/____ para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof. Dr. Rogério Pereira Borges (PUC Goiás)

Profa. Ms. Gabriella Luccianni de Moraes Souza Calaça (PUC Goiás)

Profa. Ms. Silvana Rodrigues Monteiro (Avaliadora externa)

Dedico este livro à minha tia, Erenice Leal Marques, enfermeira da linha de frente no combate ao Covid-19. Que sua dedicação e coragem não sejam esquecidas.

Amanda Leal

Dedico este livro a Solidade Taveira e Heloíse Taveira. Mãe e irmã que me inspiram a respeitar a mulher que sou e o mundo a minha volta.

Jyeniffer Taveira

AGRADECIMENTOS

Os primeiros agradecimentos de Amanda são para seus pais, Sônia e Everaldo Leal, que sempre incentivaram seus sonhos mais altos e nunca mediram esforços para que sua educação fosse a melhor. Em segundo lugar, a suas irmãs, Maria e Isabella, que presenciaram toda a sua trajetória pessoal e acadêmica de perto e observaram a reta final de seu trabalho com gentileza, oferecendo sempre um ombro amigo e palavras de conforto nos momentos difíceis. Em terceiro lugar, à bisavó Maria Ribeiro e aos avós, Flora e Raul Rodrigues e Lourdes e Benedito Leal, que foram seus melhores professores desde a infância e aos tios Neire, Eduardo, Nancy, Aparecida, Eliazar, Conceição e Anilton, que sempre a cercaram de amor, proteção e confiança.

Por parte de Jyeniffer, o agradecimento principal vai a sua mãe, Solidade Taveira. Aos demais familiares que ofereceram suporte durante sua jornada de crescimento individual e acadêmica, ela também é grata, com especial carinho a Divina Almeida, sua tia. Os laços de afeto que construímos ao longo da vida também são fonte de felicidade e apoio. Desta forma, os agradecimentos se estendem a Gabriel Vaz e Geisa Peixoto, pessoas amadas que acreditam no significado que ela dá ao mundo através das palavras.

Os amigos são a família da qual escolhemos fazer parte, os que nos conhecem desde que aprendemos a escrever nossos nomes, ou os que tomam café da manhã conosco nos corredores da faculdade, os que nos deixam doces lembranças quando partem ou os que estão ao nosso lado sem nunca esmorecer. Amanda agradece a todos os amigos que fez no curso de jornalismo, eles têm um espaço especial em seu coração e jamais serão esquecidos. Ela agradece também ao carinho, dedicação e apoio dos grandes amigos Marcella Marques, Ludmila Vaz, Johann Maravieski, Monalisa Mendonça, Daniel Barbosa e Daniel Bernardoni que a ofereceram mais do que ela jamais sonhara. Ambas acreditam que seu orientador Rogério Borges tenha se tornado um grande amigo durante o período de produção do trabalho e agradecem a ele por toda a paciência e dedicação com seu livro.

Um agradecimento final a todos os profissionais da imprensa por emprestarem ao mundo seu olhar sobre os fatos, em especial aos entrevistados desta obra que tornaram nosso trabalho mais completo.

RESUMO

O livro-reportagem *Frente e Verbo: o lado de quem faz a notícia* fala sobre as mudanças que o jornalismo sofre com a ação do tempo, simultaneamente trazendo às claras a importância dos profissionais de jornalismo enquanto agentes promotores de informação e indivíduos sensíveis aos balanços da vida. A narração é feita por meio de reportagens que exploram o perfil de nove jornalistas de diversas áreas, pessoas com diferentes trajetórias, mas com uma característica em comum: sua dedicação ao jornalismo. Para introduzir cada capítulo foram escritas crônicas que representam momentos do cotidiano em que pessoas comuns entram em contato com a comunicação. *Frente e Verbo: o lado de quem faz a notícia* narra experiências no jornalismo em televisão, rádio, impresso e assessoria, discute o desenvolvimento dessas áreas, principalmente na internet, apresentando profissionais que atuam no YouTube, produção de podcasts e divulgação de notícias online. Por fim, a obra propõe uma reflexão sobre a influência da comunicação no poder político e, conseqüentemente, nas relações sociais.

Palavras chave: Livro-reportagem; Jornalismo; Crônica; Mudanças; Comunicação

ABSTRACT

The book-reportage *Frente e Verbo: o lado de quem faz a notícia*, talks about the changes that journalism suffer by the action of time, simultaneously making evident the importance of journalism professionals as agents that promote information and empathetic towards life circumstances. The narration is done through reports that explore the profile of nine journalists from different areas, people with different paths, but with a common characteristic: their dedication towards journalism. Each chapter is introduced by chronicles talking about daily moments when people come into contact with communication. *Frente e Verbo: o lado de quem faz a notícia* narrates experiences in journalism on television, radio, newspaper and consultancy, debates about the development of these areas, especially on the internet, showing professionals working on YouTube, producing podcasts and writing news online. Finally, the work proposes a reflection about the influence of communication on political power and, consequently, on social relations.

Keywords: Book-reportage; Journalism; Chronic; Changes; Communication

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. O FAZER JORNALÍSTICO E O LIVRO-REPORTAGEM	12
3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
5. REFERÊNCIAS	31
6. ANEXOS	34

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma das possibilidades do fazer jornalístico, buscando ir contra a máxima da rapidez que paira sobre as redações de produtos que se dedicam apenas às notícias factuais, urgentes. O livro-reportagem, produto aqui apresentado, busca beber de formas mais criativas e amplas do gênero reportagem, e a partir da característica já conhecida de aprofundamento, mergulhar um pouco mais nas pontas existentes no jornalismo de agora.

Para Edvaldo Pereira Lima, em seu trabalho *Páginas Ampliadas*, “o livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pela emissora de rádio, pelo noticiário da televisão, até mesmo pela internet.” (2009 p. 4). Atualmente, a atenção do receptor é comprada por curtas legendas, manchetes ou por grandes histórias amputadas pelo deadline das redações que precisam vender o espaço da próxima página para o anunciante, e nesse 8 ou 80, finge-se não ver as demais opções. Mas elas existem, e o livro-reportagem é uma dessas possibilidades.

Ainda de acordo com Lima, a constante modificação dos gêneros e das possibilidades confere ao livro-reportagem a liberdade de não estar preso a um conceito (2009). É esta a dinamicidade que se pretendeu transferir para o livro, sem deixar de lado a função de informar, já que o livro-reportagem é um subsistema do jornalismo, na visão defendida por Lima.

A produção de um livro-reportagem sobre o jornalismo é reflexo de uma trajetória acadêmica que sempre despertou o interesse das autoras sobre a profissão escolhida. A partir do momento que deixamos de ser apenas consumidores dos produtos jornalísticos e ingressamos na sua produção, tudo ganha uma nova dimensão. É como descobrir detalhes e encontrar peças que nem sempre estão no lugar. Desta forma, o tema surge da importância de ampliar o olhar sobre o jornalismo e de registrar as mudanças contínuas que foram percebidas no decorrer destes anos de graduação, antes deles e aquelas que já se desenham para o amanhã.

As mudanças pelas quais o jornalismo passa nortearam a produção, desde os aspectos físicos dos objetos usados para a produção de notícias, até o sentimento que antes envolvia o jornalista, mas agora já é outro. Cada uma dessas facetas que compuseram ou que constroem o jornalismo modifica a produção das informações. Essa foi a hipótese levantada e respondida durante a produção do livro-reportagem. O relato dos jornalistas entrevistados e dos fatos sobre a construção da imprensa puderam evidenciar que cada nova ferramenta e necessidade

social mudam de alguma forma o fazer jornalístico, de tal modo que a profissão sempre sobrevive e se reconstrói.

Falar em mudanças estruturais no jornalismo significa situá-lo como uma prática social, marcada por um processo de reinvenção permanente (Ringoot & Utard, 2005). O jornalismo é parte da sociedade. Ele é (re)construído a partir da participação contínua de diferentes atores sociais (indivíduos, instituições, conceitos e abstrações etc.) que interagem conforme um conjunto de normas e convenções, responsáveis pela coordenação das atividades vinculadas a essa prática (Pereira, 2010). (ADGHIRNI & PEREIRA, 2011, p. 41)

A importância de abordar essas temáticas se justifica pela responsabilidade de informar, função primordial do jornalismo. Entender as mudanças que ocorrem na profissão é compreender como a sociedade se comporta e também como irá se portar, pois a mídia ainda hoje influencia o comportamento das massas, mas também é influenciada por indivíduos. Contemplar o resultado conquistado na produção evidencia ainda mais a necessidade de aproximação entre quem consome e quem produz a informação. Essa necessidade é nitidamente vista quando um profissional da imprensa é agredido, ou até mesmo quando um leitor não compreende as ideias defendidas por um jornal impresso. O livro-reportagem em questão é uma produção para todos os leitores que queiram se aproximar do nicho comunicacional que é o jornalismo. O objetivo foi alcançado pois fala dos profissionais e a narrativa não afasta o leitor com termos técnicos, pelo contrário, aproxima com histórias pessoais e fatos descritos de forma simples.

A opção por um livro-reportagem possibilitou a descrição livre dos assuntos, sem preocupação com limites de caracteres ou de tempo. Escrever vai muito além de unir palavras que possibilitem que o leitor entenda o que está sendo transmitido. A escrita precisa ser também sentida. Dessa forma, comparações foram feitas, medos descritos, analogias desenhadas, e histórias em forma de crônicas foram inseridas. Essa liberdade de narrativa pode ser encontrada no livro-reportagem, que une aspectos da reportagem, mas permite ir para além deles. É interessante ressaltar que até a estrutura física do produto contribuiu para a construção da narrativa, ou seja, o ato de passar as páginas que só o livro possibilita foi aproveitado na crônica de abertura.

O principal objetivo foi dar palavras à profissão responsável por informar o mundo. Afinal, no processo jornalístico se preza muito pelas fontes, ou seja, as pessoas, documentos ou relatos responsáveis por contextualizar e informar com propriedade os lados que compõem

uma verdade têm importância crucial no que é levado ao público. Raramente levamos em conta que quem conduz essas narrativas também representa um lado. Quem produz afeta todas as nuances da informação e, principalmente, influencia na percepção de quem lê. O livro-reportagem *Frente e Verbo: o lado de quem faz a notícia* dá voz a esse lado, possibilita que os profissionais expressem suas verdades concomitante com a narração dos formatos jornalísticos e com a passagem temporal da profissão, que tem acarretado mudanças estruturais em suas bases mais profundas.

Ainda no início do planejamento houve a intenção de abordar a forma como os consumidores de diferentes veículos viam a produção noticiosa. Entretanto, após a realização das primeiras entrevistas com os profissionais de imprensa, entendemos que a dimensão profissional seria suficiente para ressaltar as mudanças do jornalismo. Outro ponto que contribuiu para essa decisão foi o resultado das entrevistas, já que mesmo se tratando da rotina técnica, encontramos inúmeros detalhes que fizeram com que o livro tivesse um bom ritmo de narrativa.

Os capítulos do livro foram produzidos em formato de perfil, pois essa modalidade de reportagem proporciona um maior aprofundamento sobre acontecimentos da vida dos entrevistados. Retratar as vivências dos jornalistas enquanto profissionais e enquanto humanos era uma preocupação das autoras que foi atendida após a estruturação dos perfis de cada entrevistado. Esses perfis foram entremeados com crônicas que representam a influência dos meios de comunicação na vida de todas as pessoas e trazem um toque mais literário ao livro, sem tirar a fluidez das histórias contadas; ao contrário, ressaltando esse caráter humano que os depoimentos coletados imprimem à obra.

O tipo de entrevista escolhida foi a semiestruturada. De acordo com Laville e Dionne (1999, apud Nunes, Nascimento e Luz, 2016, p. 148), “o recurso da entrevista semiestruturada proporciona uma flexibilidade à coleta de dados, assim como uma maior abertura ao entrevistado, tornando dessa forma as respostas mais fidedignas”. Nesse tipo de entrevista, existem perguntas norteadoras, que são perguntas gerais sobre o tema da conversa. Essas perguntas foram feitas a todos os entrevistados. De acordo com as respostas obtidas, o entrevistador se aprofunda nos assuntos e faz perguntas que não foram roteirizadas e, muitas vezes, nem pensadas. Foi exatamente isso o que ocorreu na experiência de apuração levada a termo para o presente trabalho.

Duas entrevistas foram feitas presencialmente. Por conta da pandemia de Covid-19, as sete entrevistas restantes foram realizadas por meio de videochamadas no Google Meet,

WhatsApp e Skype e também por e-mail. Após cada entrevista as autoras transcreveram as gravações em formato Word para facilitar a consulta no momento da escrita do livro. Essa contingência veio ao encontro do próprio tema do trabalho, uma vez que os métodos de apuração jornalística também estão se transformando diante das condições que a pandemia impôs. De alguma maneira, o livro que fala das mudanças estruturais do jornalismo se viu imerso nessas transformações em sua construção. Algo que apenas reforça o dinamismo da área e a capacidade de adaptação que os profissionais que nela militam precisam apresentar para permanecerem inseridos no mercado. Eis porque o livro-reportagem Frente e Verbo: o lado de quem faz a notícia se mostra tão pertinente neste momento. Ele testemunha a história que conta e torna-se um registro interessante e relevante de um momento em que a sociedade – e o jornalismo, por consequência - conhecem um admirável (e muitas vezes) assustador mundo novo.

2. O FAZER JORNALÍSTICO E O LIVRO-REPORTAGEM

O livro *Frente e Verbo: o lado de quem faz a notícia* trata das constantes mudanças do fazer jornalístico e reflete sobre o papel que o jornalista exerce no dia a dia da profissão. Para falar sobre uma profissão tão ampla e longeva, foram pensados cinco eixos temáticos que abrangem o desenvolvimento de quatro vertentes do jornalismo ao longo da história e uma discussão quanto ao papel do jornalismo na política. São eles:

- Jornalismo Impresso e jornalismo na Web;
- Jornalismo em Rádio e jornalismo por meio de Podcasts;
- Jornalismo na TV e jornalismo no YouTube;
- Assessoria de Comunicação pública e privada;
- Jornalismo como 4º poder e ascensão da Internet como 5º poder.

O jornalismo impresso é precedido pelo desenvolvimento da escrita. De acordo com John Man (2004), o processo de impressão é quase tão antigo quanto o de escrita. O autor pontua que no Egito antigo eram utilizados carimbos de metal e madeira para estampar hieróglifos em ladrilhos, porém levaram alguns séculos até que a impressão com o objetivo da escrita fosse disseminada por toda Ásia e, posteriormente, Europa. Jorge Pedro Souza lembra que esta evolução encontrou uma inflexão fundamental para a imprensa e, por consequência, para o jornalismo, nos experimentos do alemão Johannes Gutenberg.

A possibilidade de contar histórias e novidades e de as difundir para um número vasto de pessoas ganhou nova expressão com as invenções de Gutenberg, entre 1430 e 1440. Se bem que a tipografia com caracteres móveis já existisse antes, Gutenberg inventou um processo de criação de inúmeros caracteres a partir de metal fundido. A instalação de tipografias um pouco por toda a Europa permitiu a explosão da produção de folhas volantes, de relações de acontecimentos e de gazetas, que, publicadas com carácter periódico, se podem considerar os antepassados directos dos jornais actuais. (SOUZA, 2001, p. 19)

De acordo com Lago e Romancini (2007), a imprensa e o jornalismo surgiram no Brasil apenas quatorze anos antes da separação do país de Portugal. Apenas com a chegada da Corte portuguesa ao Brasil, o uso dos aparelhos de impressão tipográfica foi efetivado por aqui. Após sucessivas tentativas de introduzir uma tipografia no Brasil que não necessitasse do intermédio de Portugal, a Impressão Régia foi criada após a aquisição de uma tipografia por Antônio de Araújo e Azevedo, ministro de d. João, príncipe regente de Portugal. “A

Impressão Régia imprimiu documentos do governo, cartazes, sermões, panfletos e o primeiro jornal impresso do país: a Gazeta do Rio de Janeiro, cujo número de estreia data de 10 de setembro de 1808, tendo como redator o frei Tibúrcio José da Rocha.” (LAGO E ROMANCINI, 2007, p. 23).

O próximo passo foi a criação e difusão mundial do rádio no início do século XX. De acordo com Borges (apud BARBOSA FILHO, 2003, p.38), o estabelecimento do rádio no mundo como meio de comunicação está atrelado aos processos de mobilidade intensa do ponto de vista político. Com a ascensão do capitalismo na Europa e das imigrações em massa, a comunicação à distância se tornou cada vez mais necessária. A partir de então, as ondas do rádio se fazem presentes no mundo.

De acordo com Barbosa Filho, a primeira transmissão radiofônica brasileira foi realizada durante a comemoração dos cem anos da Independência, em 7 de setembro de 1922, no Rio de Janeiro. Após esse episódio, as transmissões radiofônicas não tiveram mais continuidade por falta de verbas e projetos. Com a radiodifusão foi criada a primeira estação de rádio do Brasil, a Rádio Sociedade do Rio, fundada por Roquete Pinto e Henry Morize, em 1923. Durante esse período, o rádio se destaca como um veículo de elite, porém, com a popularização dos discursos de Getúlio Vargas na década de 1930, o aparelho começou a se popularizar e se transformar no que é hoje.

Diversos fatores começaram a influenciar mudanças na estrutura do fazer radiofônico, como a urbanização, tecnologia e especialização dos serviços prestados. “A linguagem radiofônica vai abdicando de expressões menos usuais e se populariza. Em suma, o rádio deixa de ser uma atividade amadora e passa definitivamente ao profissionalismo.” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 42). Assim, o rádio foi se desenvolvendo e definindo sua linha de atuação, assumindo um papel importante na vida política e econômica do País.

Edgard Amorim (2008) pontua que o início da TV no Brasil na década de 1950 foi marcado por aventura e pioneirismo por parte de seus fundadores. O primeiro canal de TV do Brasil foi a TV Tupi, de Assis Chateaubriand, que se esforçou para manter uma programação diversificada. “Os primeiros anos foram marcados pela fase de aprendizagem, tanto para os responsáveis pela parte técnica, que adquiriam maior formação profissional na prática, como para os da parte artística, que se expressavam dentro dos conhecimentos adquiridos no rádio, no cinema e no teatro.” (AMORIM, 2008, p. 7).

A assessoria de imprensa é originária dos Estados Unidos, nascida no início do século XX, pelas mãos do jornalista Ivy Lee, o qual, segundo Chaparro (2011), desenvolveu um

modelo de comunicação entre organização e imprensa a fim de melhorar a imagem de seu contratante. Esse modelo obteve grande êxito e foi responsável por modificar a imprensa e criar as relações públicas. “A assessoria pode ser conceituada como a gestão do relacionamento e dos fluxos de informação entre as fontes de informação e a imprensa, ou seja, o assessor é responsável por transmitir as informações de sua fonte até a imprensa e outros públicos estratégicos.” (DUARTE apud LEAL, 2020, p. 1).

De acordo com Leal (2020), o critério para que as informações divulgadas pelas assessorias de comunicação sejam escolhidas para publicação parte do ponto de vista das organizações, mas, para obter chance de publicação, é necessário equilibrar os interesses da organização com os dos públicos para os quais são destinadas (MONTEIRO apud LEAL, 2020).

O conceito de jornalismo como 4º poder foi pensado por Afonso Albuquerque (2009). o modelo representa a imprensa como uma estrutura existente para defender os interesses do cidadão. Ainda de acordo com Albuquerque, esse papel do profissional é simbolizado também por um cão de guarda.

Vale ressaltar que todos esses veículos, da forma como surgiram, já não existem mais. Os novos aparatos tecnológicos, como smartphones, trouxeram todas as modalidades para o alcance de um dedo. O rádio abriu portas para o que conhecemos hoje como Podcast, a televisão ganhou espaço nas redes sociais e o jornalismo impresso continua existindo no meio digital, mas de forma totalmente reconfigurada. Desta forma, a autonomia proporcionada pelos meios digitais dá a internet o título de 5º poder, como defende o autor Ricardo Gandour (2020), em seu livro *Jornalismo em Retração, Poder em Expansão*.

A decisão de trazer essa temática em formato de livro-reportagem veio a partir da necessidade de expressão. Naturalmente, o fazer jornalístico e, conseqüentemente, todo produto jornalístico dependem da expressão do noticiável, como pontua Ricardo Noblat.

Aprendemos, com anos de ofício, que a notícia está no curioso, não no comum; no que estimula conflitos, não no que inspira normalidade; no que é capaz de abalar pessoas, estruturas, situações, não no que apascenta ou conforma; no drama e na tragédia e não na comédia ou no divertimento. (2008, p. 26).

Entretanto, o que raramente cabe nos espaços limitados dos produtos, mas que deveria constar, é a grandiosidade de se fazer jornalismo. Quem decide o que é curioso, o que pode abalar as estruturas, o que é tragédia ou não? A responsabilidade do jornalista impacta a todos

que acessam as informações produzidas por eles. Dessa forma, é inadmissível que se afaste o lado do responsável por dar palavras aos acontecimentos.

É de conhecimento geral que o objetivo primário de um veículo de comunicação é o fornecimento de informações relevantes e acontecimentos significativos. Aparentemente, um objetivo fácil de se cumprir, porém, segundo Mauro Wolf (2006), é inexplicavelmente complexo. Para o autor, a vida cotidiana - que é a fonte das notícias - é constituída por uma superabundância de acontecimentos. Por conta disso, o órgão de informação deve selecionar o que se publica. Para que a seleção seja feita de forma objetiva, existem critérios que precisam ser seguidos.

1. Devem tornar possível o reconhecimento de um facto desconhecido (inclusive os que são excepcionais) como acontecimento notável.
2. Devem elaborar formas de relatar os acontecimentos que não tenham em conta a pretensão de cada facto ocorrido a um tratamento idiossincrásico;
3. Devem organizar, temporal e espacialmente, o trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e ser trabalhados de uma forma planificada. Estas obrigações estão relacionadas entre si.” (TUCHMAN apud WOLF, 2006, p. 82)

Wolf (2006) afirma ainda que na produção de notícias existem dois lados. Um é o lado da cultura profissional, “um inextricável emaranhado de retóricas de fachada e astúcias táticas, de códigos, estereótipos, símbolos, tipificações latentes, representações de papéis, rituais e convenções, relativos às funções dos mass media e dos jornalistas na sociedade” (GARBARINO apud WOLF, 2006, p. 82). O outro lado seria o das restrições ligadas à organização do trabalho. Sobre essas restrições criam-se as convenções de trabalho que, posteriormente, determinam a definição de notícia.

Essas determinações criadas pelas organizações se justificam, pois a informação passa a ser entendida como um produto mercadológico avaliado em diferentes níveis hierárquicos e fruto de diferentes receios, ou expectativas, por parte de quem faz, como revelou o estudo de Warren Breed (1915-1999).

Já clássico estudo de Breed (1955) sobre controlo social nas redacções - analisando os mecanismos de manutenção da linha editorial e política dos jornais - confirma que [...] A principal fonte de expectativas, orientações e valores profissionais não é o público, mas o grupo de referência constituído pelos colegas ou pelos superiores. Breed distingue seis motivos que incutem conformidade à orientação do jornal: a. a autoridade institucional e as sanções; b. os sentimentos de dever e estima para com os superiores; c. as aspirações à mobilidade profissional; d. a ausência de fidelidades de

grupo contrapostas; e. o carácter agradável do trabalho; f. o facto de a notícia se ter transformado em valor. Todos estes factores entram em acção, incrementando a formação e a função do grupo de referência. Daí resulta que o jornalista, na sua actividade quotidiana, «em vez de aderir a ideais sociais e profissionais, redefine os seus próprios valores ao nível mais pragmático do grupo redactorial». (WOLF, 2006, p. 79)

Essa redefinição norteia o profissional, afinal, mesmo respondendo a níveis hierárquicos e às organizações empresariais, é o jornalista que seleciona o que irá ou não virar notícia. Essa ideia passa a ser amplamente comprovada e comentada principalmente após o surgimento do termo *gatekeeper*, que integra o escopo do que passou a ser designado como Teoria da Ação Pessoal. Wolf (2006) ressalta que o surgimento do termo data de 1947, quando Kurt Lewin realizou um estudo sobre as dinâmicas que agem no interior dos grupos sociais. Essa dinâmica específica fala sobre a seleção dos acontecimentos. Por mais que haja uma subjetividade do responsável que escolhe as notícias, existem filtros que se instalam no cotidiano das redações conforme elas crescem e passam a fazer parte de estruturas organizacionais. Desta forma, para contemplar os anseios das organizações e para guiar o profissional, existem valores. Como pontua Wolf (apud SILVA, 2005, p. 99), “valores-notícia são critérios de relevância difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão presentes tanto na seleção das notícias como também permeiam os procedimentos posteriores, porém com importância diferente”. A contribuição de diversos autores sobre tipos de valores-notícia ao longo dos anos reforça uma base profissional que até os dias atuais serve para a redação noticiosa. A pesquisadora Gislene Silva reuniu em tabela os principais valores-notícia de acordo com os pensadores da área:

TABELA 1: ELENOS DE VALORES-NOTÍCIA

AUTORES	VALORES-NOTÍCIA
Stieler	novidade, proximidade geográfica, proeminência e negativismo.
Lippman	clareza, surpresa, proximidade geográfica, impacto e conflito pessoal
Bond	referente à pessoa de destaque ou personagem público (proeminência); incomum (raridade); referente ao governo (interesse nacional); que afeta o bolso (interesse pessoal/econômico); injustiça que provoca indignação

	(injustiça); grandes perdas de vida ou bens (catástrofe); conseqüências universais (interesse universal); que provoca emoção (drama); de interesse de grande número de pessoas (número de pessoas afetadas); grandes somas (grande quantia de dinheiro); descoberta de qualquer setor (descobertas/invenções) e assassinato (crime/violência)
Galtung e Ruge	freqüência, amplitude, clareza ou falta de ambigüidade, relevância, conformidade, imprevisão, continuidade, referência a pessoas e nações de elite, composição, personificação e negativismo
Golding-Elliot	drama, visual atrativo, entretenimento, importância, proximidade, brevidade, negativismo, atualidade, elites, famosos
Gans	importância, interesse, novidade, qualidade, equilíbrio
Warren	atualidade, proximidade, proeminência, curiosidade, conflito, suspense, emoção e conseqüências
Hetherington	importância, drama, surpresa, famosos, escândalo sexual/crime, número de pessoas envolvidas, proximidade, visual bonito/atrativo
Shoemaker et all	oportunidade, proximidade, importância/impacto, conseqüência, interesse, conflito /polêmica, controvérsia, sensacionalismo, proeminência, novidade/curiosidade/raro
Wolf	importância do indivíduo (nível hierárquico), influência sobre o interesse nacional, número de pessoas envolvidas, relevância quanto à evolução futura
Erbolato	proximidade, marco geográfico, impacto, proeminência, aventura/conflito, conseqüências, humor, raridade, progresso, sexo e idade, interesse pessoal, interesse humano, importância, rivalidade, utilidade, política editorial, oportunidade, dinheiro, expectativa/suspense, originalidade, culto de heróis, descobertas/ invenções, repercussão, confidências
Chaparro	atualidade, proximidade, notoriedade, conflito, conhecimento, conseqüências, curiosidade, dramaticidade, surpresa
Lage	proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo, identificação humana

Autora: Gislene Silva, 2005

Para além dos fatos que constituem os valores-notícia, vale ressaltar que a notícia é vista pelos autores construtivistas como parte importante na construção da realidade. De acordo com Traquina (2012), o paradigma construtivista considera errôneo o conceito de

distorção da notícia e discorda radicalmente das ideias que defendem que as atitudes políticas dos jornalistas são um fator determinante no processo da produção das notícias. Ou seja, a construção da notícia depende única e exclusivamente da realidade dos acontecimentos de acordo com os valores-notícia.

A comunicação se modifica a todo momento e em variáveis formas, dependendo do lugar, das pessoas que praticam e de diversos outros fatores. Compreender o jornalismo como uma forma de reflexão constante sobre a sociedade é esperar que ele não permaneça se desenvolvendo nos mesmos moldes de quando surgiu. Thais de Mendonça Jorge é categórica ao falar sobre essas mudanças. “A notícia é um produto cultural vivo, cujo DNA teria começado a se formar ainda na pré-história” (2013 p. 150). Não existe um ponto específico que sustente toda a mudança relacionada ao jornalismo. A profissão, por essência, integra os adventos tecnológicos para se reinventar desde sempre, mas é evidente que após o estabelecimento das estruturas industriais, a dinâmica de vida mudou. O redesenho do cotidiano exigiu que o jornalismo acompanhasse seu tempo. Aliás, essa mudança sutil e constante sempre vai exigir a atenção da profissão que noticia os fatos.

A permanência da necessidade de se reinventar possibilita que todos observem de perto a mudança, pois ela ocorre agora. Dessa forma, Jorge também frisa a importância dessa característica existente no jornalismo.

Como se reconhece uma mutação? No caso do jornalismo [...], pode-se acompanhar a mutação em pleno processo, neste momento que estamos vivendo, de adaptação da notícia ao meio cibernético. [...] O texto jornalístico digital, como, gênero específico dos cibermeios, continua a ter a notícia como pilar importante. Porém todo o contexto foi objeto de uma mutação significativa - com a chegada das tecnologias da informação e da comunicação- que incidiu sobre o discurso periodístico como um todo, tendo nos produtos midiáticos (a notícia, a reportagem, a entrevista, o jornal na tela) a prova mais cabal. (JORGE, 2013, p.159 e 160)

Jorge (2013) reforça ainda que a mutação do jornalismo pode ser percebida através da criação de novos gêneros, principalmente nas redes sociais. É fundamental pontuar que essas mudanças são resultados palpáveis provocados por novas formas de pensamento do profissional, exigências das organizações e acesso aos meios, ou seja, existe um contexto que muda toda a cadeia produtiva. Para Sylvia Moretzsohn (2012), essas novas rotinas configuram produtos muito específicos, pois a produção deve levar em conta até o tempo gasto do trânsito para “recuperar o prejuízo”, como se todo segundo devesse ser preenchido por uma nova informação. Ainda de acordo com Moretzsohn, “O repórter *online* aprende a desmembrar uma

mesma informação”. (2012 p. 131). Essa reestruturação do fazer jornalístico é ao mesmo tempo um reflexo da sociedade, mas também uma exigência da sociedade, que necessita de mais informação em um curto período de tempo.

Toda essa complexidade na qual o jornalismo e a produção de informação acontecem é de interesse de todos que consomem informação, como mencionado anteriormente. A decisão do jornalista, seja pela escolha das palavras, seja na linha editorial na qual vai trabalhar, afeta a sociedade. Mas como superar a limitação imposta pelo tempo e conseguir transmitir uma informação completa?

Mesmo em 1973, Tom Wolfe já escreveu um manifesto sobre um novo movimento que surgia nas redações, o chamado Novo Jornalismo. “A ideia básica do Novo Jornalismo americano, ainda nas palavras de Wolfe, é evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracteriza a tal “imprensa objetiva” (WOLFE apud PENA, 2006 p. 54). Na prática, o movimento busca mais espaço, maior detalhamento, é a tentativa de transformar o texto em arte através da subjetividade de quem escreve e, principalmente, valendo-se de técnicas comuns na literatura. Para Marcelo Bulhões (2007), o mundo se agitou com a nova forma de redação, pois o modelo tradicional de escrita já estava “fossilizado”.

O *New Journalism* agitou o epicentro do jornalismo mundial e abalou estruturas fossilizadas da textualidade jornalística [...] Transformou-se em parada bibliográfica obrigatória a quem deseja seguir o caminho que desemboca no que se passou a conhecer com o nome de livro-reportagem. (BULHÕES, 2007, p. 145 e 146)

No Brasil, o gênero da reportagem literária também ganha espaço nas redações, com uma escrita detalhista da realidade, cruzamento de dados e uma abordagem de conteúdo cuidadosa o público se cativa pela imprensa narrativa (CASTRO, 2010). Edvaldo Pereira Lima em sua obra *Páginas Ampliadas*, complementa a capacidade que o livro-reportagem, veículo muito associado ao Jornalismo Literário, tem em informar de maneira mais completa. “O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários da televisão, até mesmo pela internet [...]. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo.” (2009, p. 4). Esse conhecimento temporal atribuído por Lima (2009) ao livro-reportagem está presente não apenas no formato escolhido, mas também no tema, que se dedica a registrar as mudanças pelas quais a profissão tem passado. É importante ressaltar que a conexão do livro-reportagem como fruto de uma produção jornalística se reafirma nos princípios que

norteiam este produto. Lima (2009) enfatiza que processos como pauta, coleta de dados, escrita e edição são funções já conhecidas do jornalismo. Para a produção de *Frente e Verbo: o lado de quem faz a notícia*, todas essas etapas foram fundamentais para o resultado final obtido.

A grande diversidade de gêneros presentes dentro do modelo livro-reportagem possibilitou ainda mais um recorte sobre a temática escolhida. Desta forma, de acordo com a proposta de classificação de Lima (2009), o livro-reportagem-perfil é o que melhor se enquadra na produção desta obra que se dedica a ouvir relatos da vida profissional de jornalistas. O autor classifica o livro-reportagem-perfil como:

Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se, em geral, de uma figura olimpiana. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a realidade do grupo em questão. (2009, p. 51 e 52)

Uma atenção especial foi tomada em relação ao modelo. Por se tratar de um livro-reportagem, foi natural que dados históricos e termos técnicos estivessem presentes na obra. Entretanto, apesar de ser sobre o jornalismo, o livro-reportagem *Frente e Verbo: o lado de quem faz a notícia* é para o público em geral que consome informação. Assim, para tornar a leitura da obra mais atraente, foram inseridas crônicas com o objetivo de mesclar o jornalismo noticioso com jornalismo literário. Lima (2009) fala sobre a aproximação do jornalismo com a literatura. “De todas as formas de comunicação jornalística, a reportagem, especialmente em livro, é a que mais se apropria do fazer literário” (p. 173). Essa sintonia entre as áreas se justifica no nascer da imprensa, pois grandes nomes da literatura brasileira escreviam nas redações. Em *História do Jornalismo no Brasil*, de Richard Romancini e Cláudia Lago (2007) pontuam essa colaboração de escritores literários nos jornais que acabou por delinear o caminho da imprensa.

A grande maioria dos escritores do período colaborou nos jornais da época, produzindo artigos jornalísticos ou ficção. Machado de Assis também trabalharia na imprensa, passando por várias funções: aprendiz de tipógrafo, revisor, repórter e redator, até tornar-se, por fim, cronista e colaborador habitual, com seus contos, em publicação como o *Jornal das Famílias* (1839) e *A Estação* (1880). (p. 54)

Outros literatos, como Manoel Antônio de Almeida e José de Alencar, também publicaram suas obras em periódicos. Ainda de acordo com Romancini & Lago (2007), essa permeabilidade entre as áreas, iniciada na segunda metade do século XIX, nasce no contexto do Romantismo e também da primeira “especialização” dos profissionais de imprensa. As crônicas do livro *Frente e Verbo: o lado de quem faz a notícia* permitiram inserir possibilidades ficcionais e até futurísticas para contextualizar a leitura e também como forma de apresentar uma maior liberdade para as autoras, já que o estilo também pertence a categoria de jornalismo opinativo. De acordo com Castro (2010), a crônica é um gênero que finca suas raízes na literatura e na história. Desta forma, o modelo é utilizado para comentar fatos relacionados ao cotidiano, fatos que possam gerar uma reflexão sobre o assunto.

Borges (2013) se aprofunda e define a crônica como uma narrativa híbrida que permeia o jornalismo e a literatura: “A crônica não chega a ser cobrada como discurso noticioso quanto ao conteúdo factual de sua enunciação, assim como não adere totalmente ao campo literário por sua ligação com a imprensa” (BORGES, 2013, p.257).

Tendo em perspectiva todas essas discussões acerca das mudanças pelas quais o jornalismo nunca deixou de passar e integram seu próprio *ethos*, além das possibilidades discursivas e narrativas que ele pode apresentar, como as aproximações com a literatura, o presente livro-reportagem navega por este mar de encontros e evoluções. Ao falarmos das transformações pelas quais o jornalismo passa neste momento, recuperamos as alterações que ele já vivenciou pela ótica de profissionais que as vivenciaram e que agora se adaptam a novas realidades, outros formatos e fluxos de produção e consumo da informação. Por meio de perfis e crônicas, este trabalho apresenta uma viagem pelos caminhos traçados pelo jornalismo até aqui, projetando aqueles que ainda irá trilhar no futuro.

3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O livro-reportagem *Frente e Verbo: o lado de quem faz a notícia* fala sobre as mudanças do jornalismo e do perfil dos profissionais que o fazem em diferentes áreas e está dividido em cinco capítulos. Os capítulos são anunciados por crônicas. O estilo literário também abre e encerra o livro. O nome da obra remete ao perfil dos jornalistas entrevistados. Dessa forma, quando pensamos em todos os lados da informação, devemos levar em conta quem está na frente desse processo. Já a palavra verbo, complementa a ideia da narrativa dos profissionais e representa a essência do produto.

Ao se deparar com a capa do livro, o leitor é atraído por duas cores primárias. O amarelo e o vermelho são conhecidos como cores quentes e o contraste entre as duas instiga ainda mais o olhar. O vermelho é representado por uma boca feminina em estilo semelhante às obras da Pop Art, em especial o trabalho do artista Roy Lichtenstein (1923-1997). As ilustrações inspiradas nos quadrinhos dão maior visibilidade a cenas e objetos comuns do dia a dia. E essa é a intenção ao trazer a imagem de uma boca. A parte do corpo responsável pela expressão verbal é a primeira a ser usada para a defesa de uma ideia e também a primeira a ser censurada, mas não no livro que se propõe a dar palavras ao jornalismo.

Na capa, a boca está em uma segunda camada. A profundidade representada por uma textura de papel rasgado permite ao leitor a sensação da descoberta de uma boca rodeada por palavras que fazem parte da prática jornalística, como: entrevista, deadline, ondas sonoras, teleprompter etc. Os lábios entreabertos anunciam que a boca ainda não mencionou tudo que se pode esperar dessa profissão, em especial o que os recém formados têm a dizer.

A presença de uma boca feminina, pintada por um batom vermelho é a liberdade de duas autoras que sabem que nada as impedirá de concluírem a ideia a qual se propuseram falar. A boca vermelha somente é boca, não tendo outros significados para os olhares maliciosos ou, pior ainda, para aqueles olhares que leem o livro apenas por sua capa. O vermelho é um sinal de alerta para as ideias ali apresentadas, é o convite ideal para um livro que começa e termina de forma ousada.

Antes que o leitor tenha contato com a parte escrita, outro estímulo visual o aproxima à temática do livro, uma ilustração. A imagem de um relógio cobre toda a folha. Os ponteiros dão lugar a pequenos braços com dedos que apontam para várias direções e no lugar dos números são apresentados alguns objetos que remetem a diferentes práticas do jornalismo.

O primeiro é uma pena, utilizada para a escrita na época medieval. A passagem do tempo continua sendo representada por objetos; uma máquina de escrever e um tipo móvel de Gutenberg ocupam as próximas horas e os últimos objetos são um rádio e um microfone.

Optou-se por detalhar metade do relógio, pois a primeira ilustração traz apenas o início dos processos que integram o jornalismo, mesmo que os objetos ainda sejam usados para esse fim. A ideia é que somente a ilustração final traga uma abordagem mais contemporânea. É importante ressaltar que o estilo escolhido foi uma pintura em aquarela, não por conta das cores, já que a ilustração inicial traz apenas tons de marrom, mas sim pela leveza. O estilo não permite detalhes visuais muito elaborados, mas o objetivo foi atendido.

A ilustração responsável por encerrar o livro é a conclusão do discurso da primeira imagem. Enquanto a ilustração inicial não possuía cores, a última é colorida e traz inúmeras telas responsáveis por preencher a página toda. No visor de cada uma das telas estão representadas pesquisas e redes sociais. A figura humana, agora presente, representa a participação do público, de uma forma que o rapaz faz parte da tela e as telas fazem parte de quem ele é. É uma maneira de representar a atual comunicação entre as pessoas e as tecnologias. O estilo da ilustração agora é digital, a opção possibilitou um maior detalhamento do desenho, como o reflexo dos aparelhos tecnológicos e o toque do rapaz na tela. Os trabalhos de ilustração foram contratados. A profissional responsável foi Ludmila Vaz (Ludsmile).

Como mencionado anteriormente, a abertura textual do livro é feita por uma crônica. A narrativa literária “Para todos os tipos de leitores” é destinada para um leitor que em um futuro incerto se deparou com o livro-reportagem em um museu. Desacreditado do espaço antigo de um museu e cego para a importância de documentar os processos, nosso leitor pouco provável resolve passar para a próxima página e então se depara com o primeiro capítulo do livro. É uma forma de metanarrativa, denotando, assim, um caráter mais marcadamente literário em certas partes da obra.

O jornalismo impresso dá início aos capítulos pois é o mais antigo de todos, o pioneiro que possibilitou e coordenou as outras plataformas onde o jornalismo que conhecemos hoje pode ser acessado e consumido, como rádio, TV e web. A crônica deste capítulo é um relato do inventor Johannes Gutenberg, o alemão que criou, na cidade de Mainz em meados do século XV, a tecnologia necessária para utilizar tipos móveis na impressão mais volumosa de textos, decretando o fim da era das obras reproduzidas por meio da escrita manual. A descrição da terra natal e do trabalho que ele exercia foi uma tentativa de reconstruir a

atmosfera da invenção que possibilitou o nascimento da imprensa no mundo todo. A partir daí, com um jogo de palavras que remete ao processo de impressão no papel, o leitor dá início ao capítulo.

Para os títulos das crônicas foi escolhida uma tipografia mais desenhada, a *Philosopher*, que possui prolongamentos mais demarcados e curvados. Esse detalhe desperta maior criatividade para a narrativa. Outro motivo para a escolha de diferentes fontes para os títulos é a importância de demarcar para o leitor momentos distintos do livro. Já os títulos de capítulo são representados pela fonte *Typewriter Condensed*. Seu estilo remete à fonte oriunda das máquinas de escrever e se assemelha também à fonte utilizada nas palavras do universo jornalístico, presentes na capa.

Todo corpo textual está em *Times New Roman*. A fonte com serifas é clássica para leituras longas, já que os prolongamentos das letras permitem um melhor fluxo de leitura e também que o leitor não canse os olhos.

O título do capítulo "O movimento da mudança" sintetiza a diferença do jornalismo impresso no passar dos anos. Se antes era preciso muito tempo para ser feito, hoje na modalidade web, o tempo é tudo que o jornalista não tem. Essa transição é contada por três profissionais. São eles: Ton Paulo, que trabalha nos jornais *Dia Online* e *Jornal Opção*, ambos veículos digitais; Isabel Cristina Oliveira, desempregada no momento da entrevista, mas que teve experiência profissional na redação online do jornal *O Popular* e em outros veículos; e o editor de cultura do jornal *O Popular*, Rodrigo Alves.

A diferença na rotina produtiva dos jornalistas do meio digital e do impresso é gritante, percebida inclusive no tempo destinado às entrevistas que compuseram o livro. No período em questão ainda não havia pandemia e o encontro com Rodrigo Alves aconteceu na redação onde ele trabalha, rendendo cerca de 1 hora de entrevista. Já o Ton Paulo pôde responder as perguntas apenas por e-mail, e apesar de ter ocorrido o contato, a quantidade de conteúdo foi menor. A entrevista com a jornalista Isabel Cristina também foi mais curta, mas foi realizada através de videoconferência. Essas realidades foram aproveitadas no capítulo. Após um breve relato sobre o surgimento da imprensa no Brasil, a rotina de Ton em uma redação on-line é apresentada. É um relato mais curto e o texto corre de maneira proposital. Por ser recém formada, a entrevista de Isabel Oliveira reforça e acrescenta nuances que as redes sociais dão ao jornalismo atualmente. Vale ressaltar que o capítulo conta com uma crônica em seu interior que, de forma irônica, brinca com a liberdade existente na rotina do profissional. A crônica é

de autoria de Jyeniffer Taveira, mas já existia antes da escrita do livro. Portanto, o conteúdo foi apresentado entre aspas.

Para pontuar o contraste, a metáfora de “paraíso” foi associada em toda a parte correspondente ao que disse Rodrigo Alves a respeito do jornalismo impresso mais tradicional. Isso porque, para o profissional que escreve, muitas vezes as limitações de espaço e tempo são um inferno moderno, essa angústia não existe no Jardim do Éden. Outro ponto importante que a entrevista presencial possibilitou foi a presença na redação onde o profissional de impresso atua. Desta forma foram descritos processos humanos e até físicos que o tempo extinguiu da rotina de produção do impresso. Essas transformações foram detalhadas no decorrer do capítulo e pontuadas através do termo “Ecdise”, nome que recebe a troca de pele de uma serpente. Apesar do réptil ser o vilão do paraíso, no capítulo a mudança não é representada de forma negativa, pelo contrário.

Antes de seguir ao próximo capítulo há mais uma demarcação física para alertar o leitor. Um ícone sobre os temas seguintes será colocado antes das próximas crônicas. O único capítulo que não recebeu a iconografia foi o impresso, pois a crônica de abertura do livro dá ao leitor o comando de seguir para a próxima página para ler, ou seja, uma representação visual iria interromper a leitura inicial. O primeiro ícone representa a televisão e dá boas vindas a segunda crônica de capítulo.

O segundo capítulo do livro é referente ao jornalismo televisivo e seu desenvolvimento no meio audiovisual. Essa ordem foi escolhida pensando na alternância entre as escritas de Jyeniffer e Amanda. A crônica inicial explora a relação entre indivíduo e os meios de comunicação, trazendo uma jovem inexperiente como protagonista e o desenvolvimento de seu senso crítico referente a um determinado assunto após ouvir falar sobre ele no cinema e na televisão. O capítulo se inicia em um contexto atual, retratando a facilidade que as pessoas têm de consumir conteúdo audiovisual nos dias de hoje. Depois é feita uma retrospectiva desde a criação do cinema até o dia da primeira transmissão televisiva no Brasil.

As entrevistadas foram Consuelo Gobbi, coordenadora de comunicação da *PUC TV* e Nilce Moretto, editora e co-criadora dos canais *Cadê a Chave?* e *Coisa de Nerd*, que têm 4,07 e 10,7 milhões de inscritos, respectivamente. A primeira a aparecer na narrativa é Consuelo, representando um jornalismo tradicional. Suas experiências são retratadas a partir de sua época de estudos e tudo o que presenciou na faculdade, passando rapidamente por seu antigo trabalho na TV Anhanguera e tomando corpo com seu relato como coordenadora da PUC TV, relembrando momentos engraçados e as dificuldades de iniciar uma emissora de TV do zero.

Nilce entra em seguida contando sobre sua carreira como jornalista em Goiás, que foi extensa e percorreu diversas áreas de atuação. Sua carreira no YouTube é explorada desde o início, sendo o contraponto com o trabalho de repórter de TV. Sua trajetória é diferente da de Consuelo, mas ambas têm uma característica em comum: a coragem de seguir seus sonhos, de serem as mulheres que sempre desejaram. Essa semelhança é abordada no final do capítulo e tem uma pequena relação com a crônica que o abre.

O ícone torna a aparecer e desta vez alerta que o leitor irá navegar nas ondas do rádio. O veículo do rádio muitas vezes ocupa um lugar de afeição nas lembranças e no cotidiano das pessoas. Por características básicas como “falar para o ouvinte”, o conteúdo torna-se mais próximo de quem dá ouvidos ao rádio. Desta forma, este capítulo traz duas crônicas inspiradas em relatos de familiares de ambas as autoras. A crônica dupla foi mantida pela leveza das histórias e pela importância de documentar relatos que demonstram a paixão que o veículo provoca.

O capítulo começa com o surgimento e o estabelecimento do rádio no Brasil. Os improvisos e as mobilizações que antes limitavam o alcance do veículo, no decorrer do tempo, deram vez para a nova modalidade de rádio, o podcast. A mudança no cotidiano das pessoas que produzem esses conteúdos é descrita para que o leitor entenda a praticidade do novo modelo e a autonomia que o ouvinte passa a ter. Desta forma, a primeira entrevista é da radialista Bárbara Falcão, dona da própria empresa de podcasts. Além de acumular experiência na CBN Goiânia, uma rádio importante, ela também fala sobre suas expectativas e sobre sua contribuição acadêmica na área do podcast. A segunda etapa do capítulo traz o relato de Mariani Ribeiro, um nome de referência do rádio em Goiânia. Sua experiência com o veículo é entregue ao leitor como um casamento duradouro, que permitiu à entrevistada momentos felizes.

O momento final do capítulo é uma reunião dos pontos de vista da entrevistada e uma tentativa de ressignificar o amanhã da profissão. Ambas as entrevistas foram realizadas de forma virtual, em videoconferência.

O quarto capítulo do livro é o de assessoria de comunicação. Seu ícone é um megafone, o que representa o poder do assessor de divulgar seus assessorados. A crônica inicial é menor que as outras e se trata de uma brincadeira com uma cena famosa do filme “Star Wars: O Império Contra-ataca”. Essa crônica relata um diálogo entre os personagens Darth Vader e Palpatine, preocupados com a imagem que seu governo passa para a galáxia após a descoberta da paternidade de Luke Skywalker.

As entrevistadas neste capítulo são de Renata Vieira e Lourdes Souza, duas jornalistas que trabalham com assessoria há muito tempo e têm experiências nos mercados público e privado. Renata é dona de uma empresa de comunicação e Lourdes trabalha assessorando órgãos do governo.

A fala de ambas mostra a relação existente entre assessor e jornalista e os processos que levam uma pauta para a mídia. São utilizados exemplos do trabalho das duas por meio de entrevistas cedidas a Amanda Leal em seu trabalho de Iniciação Científica, sob orientação da professora Gabriella Luccianni, da Escola de Comunicação da PUC Goiás. Renata fala sobre o desenvolvimento de uma marca de roupas voltada para o público gay e Lourdes fala sobre seu trabalho frente à comunicação do IPSM (Instituto de Previdência dos Servidores Municipais) durante o período de reforma da previdência dos servidores públicos de Goiânia.

O capítulo termina após os relatos das duas jornalistas sobre suas trajetórias como assessoras de comunicação, ressaltando a importância desse trabalho no universo do jornalismo.

O último capítulo é representado pela iconografia de um homem que fala em um palanque. O poder associado à imprensa durante toda a sua história é o tema central do capítulo.

Pelo fato de todo(a)s o(a)s entrevistado(a)s e as autoras exercerem ou começarem suas carreiras em Goiânia, a crônica de abertura do último capítulo conta uma história de Terra de Muitas Águas. O nome da cidade fictícia é um possível significado de Goiânia na língua Tupi Guarani. Representado como uma cidade pequena, o local possui uma família que, além de governar a cidade, controla os veículos de comunicação ali presentes.

A chegada de um estrangeiro dá aos moradores a possibilidade de saber a verdade sobre a manipulação presente nos jornais, mas o leitor é surpreendido com a revelação de que a população dali não quer saber da distorção. É resultado do poder da desinformação.

O capítulo retoma algumas falas dos entrevistados já apresentados para pontuar a dimensão que o fazer jornalístico muitas vezes ocupa, seja através de momentos históricos ou na emoção das pessoas, que nem sempre é positiva. A partir de então o termo "4º Poder" renasce, juntamente com a realidade na qual surgiu, mas rapidamente o leitor é levado para a nova realidade da imprensa. Com a estabilização das redes sociais, o profissional perde a imagem de investigador e passa a estar muito próximo de quem consome a informação.

A mudança de papéis, poder e toda a bagagem apresentada no livro se torna uma reflexão nas linhas finais. Falando diretamente com o leitor, uma pergunta encerra o produto e convida a pensar: "As mudanças do jornalismo refletem sua ambição?"

Como forma de assinatura, duas crônicas finais encerram o livro. As narrativas têm como tema central o futuro. Para serem escritas, as autoras entrevistaram uma a outra para abordar medos e desejos que as futuras jornalistas têm. Além de características físicas, traços de personalidade também compuseram as crônicas. "Tentativa de entender o futuro" é de autoria de Jyeniffer Taveira sobre Amanda Leal e "É preciso coragem e ser gentil" é a narrativa de Amanda Leal sobre Jyeniffer Taveira.

TABELA 2: CONDUÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA -DO	ENTREVISTA -DORA	MEIO	TRANSCRIT -ORA	CAPÍTULO
Rodrigo Alves	Amanda Leal e Jyeniffer Taveira	Presencial	Amanda Leal e Jyeniffer Taveira	O movimento da Mudança
Consuelo Gobbi	Amanda Leal e Jyeniffer Taveira	Presencial	Amanda Leal e Jyeniffer Taveira	Toda superfície plana é um distrativo em potencial
Bárbara Falcão	Amanda Leal	Vídeo chamada no Whatsapp	Amanda Leal e Jyeniffer Taveira	Sintonizando
Isabel Cristina Oliveira	Amanda Leal	Vídeo chamada no Whatsapp	Jyeniffer Taveira	O movimento da mudança
Ton Paulo	Jyeniffer Taveira	E-mail	-	O movimento da mudança
Mariani Ribeiro	Amanda Leal	Vídeo chamada no Skype	Jyeniffer Taveira	Sintonizando
Lourdes Souza	Jyeniffer Taveira	E-mail	-	Quem tem boca vai ao Instagram
Renata Vieira	Amanda Leal	E-mail e Vídeo chamada no Google Meet	Amanda Leal	Quem tem boca vai ao Instagram

Nilce Moretto	Amanda Leal e Jyeniffer Taveira	Vídeo chamada no Google Meet	Jyeniffer Taveira	Toda superfície plana é um distrativo em potencial
---------------	---------------------------------	------------------------------	-------------------	--

Autora: Amanda Aparecida Rodrigues Leal.

As fontes foram escolhidas pensando na diversidade de suas trajetórias dentro da profissão, possibilitando discussões e narrativas que exploram as várias faces do jornalismo. Para o capítulo sobre jornal impresso, Rodrigo Alves foi escolhido como alguém que iniciou a carreira nessa plataforma e viu as mudanças para o jornalismo na web, em contraposição a Ton Paulo e Isabel Cristina, que já iniciaram suas trajetórias trabalhando em veículos online. No audiovisual temos Consuelo Gobbi como alguém que construiu a carreira no jornalismo televisivo tradicional, enquanto Nilce Moretto viu seu crescimento profissional desabrochar no Youtube, depois de também ter passado por emissoras de TV. No rádio, Mariani Ribeiro e Bárbara Falcão trabalharam juntas, mas Mariani trilhou uma carreira mais formal no rádio, enquanto Bárbara buscou por mudanças contínuas. Para a parte de assessoria de comunicação, Renata Vieira é um exemplo de empreendedora na área privada e Lourdes Souza é uma profissional experimentada em trabalhos na área pública.

Antes da realização de cada entrevista, um roteiro aberto foi pensado por ambas as autoras e, naturalmente, todos passaram por revisão do orientador.

Para a divisão da escrita, foi priorizada a afinidade pelos veículos e pelo conteúdo das entrevistas. Dessa forma, as partes referentes ao jornalismo impresso, ao rádio e ao jornalismo como 4º Poder foram escritas por Jyeniffer Taveira, enquanto os capítulos referentes a televisão e assessoria foram escritos por Amanda Leal. As crônicas que antecedem cada capítulo também foram escritas pelas autoras da parte correspondente. A crônica de abertura “Para todos os tipos de leitores” foi escrita e pensada por Jyeniffer Taveira. É importante ressaltar que todo material foi lido por ambas as autoras. Durante o processo de escrita, foram dadas sugestões de narrativa, mas não houve interferência direta no texto individual de cada uma das autoras.

O tom do livro é um misto entre perfil e crônica. A escolha veio da preferência de ambas. Também para evitar que o livro se tornasse um produto repleto de termos técnicos e gráficos, o intuito sempre foi transmitir as mudanças pela perspectiva do profissional que vive isso cotidianamente. Mas o jornalista não é qualquer profissional, as palavras fazem parte de sua rotina, as palavras são seu instrumento de trabalho. Dessa forma, a crônica foi a opção

encontrada para dar liberdade literária e também para atrair o leitor que não faz parte da imprensa. A posição das crônicas foi escolhida para fazer a passagem entre os diferentes tipos de veículo e para dar leveza à leitura. A ordem dos capítulos se deu no sentido de alternar as partes escritas por uma e por outra autora da obra.

A inserção das falas de dois ou mais entrevistados não foi um processo complicado, já que em todos os capítulos os jornalistas possuíam diferentes experiências. O relato de práticas antigas e dos profissionais mais experientes foram complementados por relatos das novas configurações e de novos profissionais. Toda a diagramação do livro, inclusive a composição da capa, foram feitas pela designer Natália Curupana.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve o intuito de mostrar as mudanças que ocorrem no jornalismo, mas observando o lado dos responsáveis por informar. Para que o livro-reportagem *Frente e Verbo: o lado de quem faz a notícia* pudesse alcançar uma maior amplitude de detalhes, dois profissionais de diferentes áreas foram entrevistados por capítulo. Os relatos foram dispostos de forma que fosse nítida a diferença do trabalho realizado antes e agora. A principal barreira foi a impossibilidade de realizar todas as entrevistas de forma presencial, já que a presença física com as fontes permitiria um maior detalhamento sobre seus gestos, formas de expressão e até elementos fazem parte da rotina das pessoas entrevistadas, mas de forma geral a liberdade para escrever e até a experiência de ambas as alunas em estágios possibilitou a realização de um produto final semelhante ao que foi buscado desde o início.

Escrever sobre o jornalismo foi uma grande responsabilidade, afinal a profissão que nos abrigará amanhã enfrenta diversas realidades e muitas vezes exige-se do profissional uma “neutralidade” que não leva em conta que por trás da reportagem existe um ser humano, com afinidades e medos, o que de forma natural influencia a produção da informação. Muitas vezes a preocupação na forma de se expressar permeou a escrita, mas em todos os capítulos a admiração pela profissão e a certeza de sua importância auxiliaram no desenvolvimento da obra.

Frente e Verbo: o lado de quem faz a notícia cumpriu o objetivo de evidenciar que escrever uma reportagem, mesmo em diferentes meios, é carregar uma responsabilidade profissional e social que reflete diretamente na forma como outras pessoas interpretarão o mundo à sua volta, além disso a reflexão proposta ao leitor evidencia que a participação de quem consome é fundamental. Defendendo a ideia de que a partir do momento que o jornalismo é consumido de forma consciente e crítica, todos os lados ganham, já que o profissional se dedica ainda mais para informar com qualidade e o consumidor compreende melhor os fatos e passa a se posicionar integralmente como cidadão.

5. REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Zélia Leal; PEREIRA, Fábio Henrique. *O Jornalismo Em Tempo De Mudanças Estruturais*. **Intertexto**, vol. 1, n. 24 (jan-jun), p. 38-57. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, (2011). Disponível em:

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12443/1/ARTIGO_JornalismoTempoMudancas.pdf. Acesso em 21/11/2020.

ALBUQUERQUE, Afonso. **As três faces do quarto poder**. Anais do XVIII Encontro da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Belo Horizonte, 2009. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1068.pdf. Acesso em: 20/11/2020

AMORIM, Edgard Ribeiro. **História da TV brasileira**. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2007.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos: Os formatos e os programas em áudio**. 2º edição. São Paulo: Paulinas, 2003.

BORGES, Rogério. **Jornalismo literário: teoria e análise**. Florianópolis: Insular, 2013.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e Literatura em Convergência**. 1º edição. :Ática, 2007.

CASTRO, Gustavo. **Jornalismo Literário: uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Cem anos de assessoria de imprensa. In: DUARTE, Jorge (Org.). **Assessoria de Imprensa e relacionamento com a mídia**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GANDOUR, Ricardo. **Jornalismo em retração, poder e expansão: a segunda morte da opinião pública**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2020.

JORGE, Thais de Mendonça. **Mutação no jornalismo:** como a notícia chega à internet. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

LAGO, Cláudia; ROMANCINI, Richard. **História do Jornalismo no Brasil.** Florianópolis: Insular, 2007.

LEAL, Amanda Aparecida Rodrigues. **Mudanças estruturais das práticas jornalísticas com a utilização das redes sociais na internet pelas assessorias de comunicação.** (Projeto de Iniciação Científica). Goiânia: PUC Goiás, 2020

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas.** 4ª edição. Barueri: Manole, 2009.

MAN, John. **A Revolução de Gutenberg:** a história de um gênio e da invenção que mudaram o mundo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real:** O fetiche da velocidade. 2ª edição. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário.** 8ª edição. São Paulo: Contexto, 2012.

NUNES, Ginete Cavalcante; NASCIMENTO, Maria Cristina Delmondes do; LUZ, Maria Aparecida Carvalho Alencar. Pesquisa científica: conceitos básicos. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia.** N. 29 (fev). Jabotão dos Guarapes (PE), (2016). Disponível em file:///C:/Users/Pichau/Downloads/390-1085-1-PB.pdf. Acesso em: 22/10/2020

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em jornalismo e mídia** (vol. II, N. 1 (1 semestre). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091/1830>. Acesso em: 21/10/2020. Data de acesso:22/10/2020.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos do Jornalismo Impresso**. Porto, 2001. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>. Acesso em: 21/10/2020.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. 3ª edição. Florianópolis: Insular, 2012.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação, Mass Media: contextos e paradigmas, Novas tendências, Efeitos a longo prazo. O newsmaking.** (data) Disponível em: https://www.academia.edu/904710/TEORIAS_DA_COMUNICA%C3%87%C3%83O_Mass_media_contextos_e_paradigmas_Novas_tend%C3%A2ncias_Efeitos_a_longo_prazo_O_newsmaking?auto=download. Acesso em: 21/10/2020.

6. ANEXOS

TABELA 1: ELENÇOS DE VALORES-NOTÍCIA

AUTORES	VALORES-NOTÍCIA
Stieler	novidade, proximidade geográfica, proeminência e negativismo.
Lippman	clareza, surpresa, proximidade geográfica, impacto e conflito pessoal
Bond	referente à pessoa de destaque ou personagem público (proeminência); incomum (raridade); referente ao governo (interesse nacional); que afeta o bolso (interesse pessoal/econômico); injustiça que provoca indignação (injustiça); grandes perdas de vida ou bens (catástrofe); conseqüências universais (interesse universal); que provoca emoção (drama); de interesse de grande número de pessoas (número de pessoas afetadas); grandes somas (grande quantia de dinheiro); descoberta de qualquer setor (descobertas/invenções) e assassinato (crime/violência)
Galtung e Ruge	frequência, amplitude, clareza ou falta de ambigüidade, relevância, conformidade, imprevisão, continuidade, referência a pessoas e nações de elite, composição, personificação e negativismo
Golding-Elliot	drama, visual atrativo, entretenimento, importância, proximidade, brevidade, negativismo, atualidade, elites, famosos
Gans	importância, interesse, novidade, qualidade, equilíbrio
Warren	atualidade, proximidade, proeminência, curiosidade, conflito, suspense, emoção e conseqüências
Hetherington	importância, drama, surpresa, famosos, escândalo sexual/crime, número de pessoas envolvidas, proximidade, visual bonito/atrativo
Shoemaker et all	oportunidade, proximidade, importância/impacto, conseqüência, interesse, conflito /polêmica, controvérsia, sensacionalismo, proeminência, novidade/curiosidade/raro
Wolf	importância do indivíduo (nível hierárquico), influência sobre o interesse nacional, número de pessoas envolvidas,

	relevância quanto à evolução futura
Erbolato	proximidade, marco geográfico, impacto, proeminência, aventura/conflito, consequências, humor, raridade, progresso, sexo e idade, interesse pessoal, interesse humano, importância, rivalidade, utilidade, política editorial, oportunidade, dinheiro, expectativa/suspense, originalidade, culto de heróis, descobertas/ invenções, repercussão, confidências
Chaparro	atualidade, proximidade, notoriedade, conflito, conhecimento, consequências, curiosidade, dramaticidade, surpresa
Lage	proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo, identificação humana

Autora: Gislene Silva, 2005

TABELA 2: CONDUÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA -DO	ENTREVISTA -DORA	MEIO	TRANSCRIT -ORA	CAPÍTULO
Rodrigo Alves	Amanda Leal e Jyeniffer Taveira	Presencial	Amanda Leal e Jyeniffer Taveira	O movimento da Mudança
Consuelo Gobbi	Amanda Leal e Jyeniffer Taveira	Presencial	Amanda Leal e Jyeniffer Taveira	Toda superfície plana é um distrativo em potencial
Bárbara Falcão	Amanda Leal	Vídeo chamada no Whatsapp	Amanda Leal e Jyeniffer Taveira	Sintonizando
Isabel Cristina Oliveira	Amanda Leal	Vídeo chamada no Whatsapp	Jyeniffer Taveira	O movimento da mudança
Ton Paulo	Jyeniffer Taveira	E-mail	-	O movimento da mudança
Mariani Ribeiro	Amanda Leal	Vídeo chamada no Skype	Jyeniffer Taveira	Sintonizando
Lourdes Souza	Jyeniffer Taveira	E-mail	-	Quem tem boca vai ao Instagram

Renata Vieira	Amanda Leal	E-mail e Vídeo chamada no Google Meet	Amanda Leal	Quem tem boca vai ao Instagram
Nilce Moretto	Amanda Leal e Jyeniffer Taveira	Vídeo chamada no Google Meet	Jyeniffer Taveira	Toda superfície plana é um distrativo em potencial

Autora: Amanda Aparecida Rodrigues Leal

AUTORIZAÇÕES

Autorização de uso de entrevista

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha entrevista no livro-reportagem “*Frente E Verbo*” realizado pelas alunas Amanda Aparecida Rodrigues Leal e Jyeniffer Taveira Silva sob a orientação do professor Rogério Borges da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em material gráfico e digital e a livre apresentação em festivais, concursos, premiações e exposições públicas; sem qualquer ônus ou indenização à PUC-Goiás ou as alunas e orientador anteriormente mencionados.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha entrevista e assino a presente autorização.

Nome: Bárbara Mendes Falcão

Endereço: Rua S-2, 451, Setor Bela Vista

Cidade: Goiânia/ Goiás

RG nº: 5819356

CPF nº: 02296065120

Telefone para contato: 62 982400122

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, 09 de dezembro de 2020



Assinatura

Autorização de uso de entrevista

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha entrevista no livro-reportagem “*Frente E Verbo*” realizado pelas alunas Amanda Aparecida Rodrigues Leal e Jyeniffer Taveira Silva sob a orientação do professor Rogério Borges da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em material gráfico e digital e a livre apresentação em festivais, concursos, premiações e exposições públicas; sem qualquer ônus ou indenização à PUC-Goiás ou as alunas e orientador anteriormente mencionados.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha entrevista e assino a presente autorização.

Nome: Consuelo Gobbi Baltazar

Endereço: Rua Fortaleza, Nº 244, Aptº 701, Alto da Glória

Cidade: Goiânia-GO

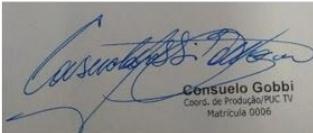
RG nº: 1.762.494 SSPGO

CPF nº: 605.069.621-72

Telefone para contato: (62) 991812239

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, 09 de dezembro de 2020



Consuelo Gobbi
Coord. de Produção PUC TV
Matrícula 0006

Assinatura

Autorização de uso de entrevista

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha entrevista no livro-reportagem "Frente E Verbo" realizado pelas alunas Amanda Aparecida Rodrigues Leal e Jyeniffer Taveira Silva sob a orientação do professor Rogério Borges da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em material gráfico e digital e a livre apresentação em festivais, concursos, premiações e exposições públicas; sem qualquer ônus ou indenização à PUC-Goiás ou as alunas e orientador anteriormente mencionados.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha entrevista e assino a presente autorização.

Nome: Isabel Cristina Silva Oliveira

Endereço: Rua 2, nº 230, Centro, Quadra 13, lote 15.

Cidade: Bonfinsópolis - GO

RG nº: 6363845

CPF nº: 704.374.951-40

Telefone para contato: (62) 99364-0836

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, 18 de novembro de 2020

Isabel Cristina Silva Oliveira

Assinatura

Autorização de uso de entrevista

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha entrevista no livro-reportagem "Frente E Verbo" realizado pelas alunas Amanda Aparecida Rodrigues Leal e Jyeniffer Taveira Silva sob a orientação do professor Rogério Borges da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em material gráfico e digital e a livre apresentação em festivais, concursos, premiações e exposições públicas; sem qualquer ônus ou indenização à PUC-Goiás ou as alunas e orientador anteriormente mencionados.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha entrevista e assino a presente autorização.

Nome: Raundes Souza de Oliveira

Endereço: Rua Nirapuru, 185, Parque Amazônia

Cidade: Goiânia

RG nº: 3814534 DGPC-GO

CPF nº: 929.500.511-20

Telefone para contato: (62) 99106-1911 (só whatsapp)

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, 9 de dezembro de 2020

Raundes Souza de Oliveira

Assinatura

Autorização de uso de entrevista

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha entrevista no livro-reportagem “*Frente E Verbo*” realizado pelas alunas Amanda Aparecida Rodrigues Leal e Jyeniffer Taveira Silva sob a orientação do professor Rogério Borges da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em material gráfico e digital e a livre apresentação em festivais, concursos, premiações e exposições públicas; sem qualquer ônus ou indenização à PUC-Goiás ou as alunas e orientador anteriormente mencionados.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha entrevista e assino a presente autorização.

Nome: Mariani Alexandre Ribeiro

Endereço: Av. T4 n.1224 Ao.102, Setor Bueno

Cidade: Goiânia-GO

RG nº: 2284868 SSP-GO

CPF nº: 779117841-91

Telefone para contato: 62 98137-9949

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, 11 de dezembro de 2020

<https://drive.google.com/file/d/1q1ocveiwrR5skEOk2QBBFZUYNYyi017/view?usp=sharing>

(Mariani Alexandre Ribeiro)

Assinatura

Autorização de uso de entrevista

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha entrevista no livro-reportagem “*Frente E Verbo*” realizado pelas alunas Amanda Aparecida Rodrigues Leal e Jyeniffer Taveira Silva sob a orientação do professor Rogério Borges da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em material gráfico e digital e a livre apresentação em festivais, concursos, premiações e exposições públicas; sem qualquer ônus ou indenização à PUC-Goiás ou as alunas e orientador anteriormente mencionados.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha entrevista e assino a presente autorização.

Nome: Nilce Moretto

Endereço:

Cidade: Vancouver - Canada

RG n°:

CPF n°:

Telefone para contato:

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, _____ de _____ de 2020



Assinatura

Autorização de uso de entrevista

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha entrevista no livro-reportagem "*Frente E Verbo*" realizado pelas alunas Amanda Aparecida Rodrigues Leal e Jyeniffer Taveira Silva sob a orientação do professor Rogério Borges da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em material gráfico e digital e a livre apresentação em festivais, concursos, premiações e exposições públicas; sem qualquer ônus ou indenização à PUC-Goiás ou as alunas e orientador anteriormente mencionados.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha entrevista e assino a presente autorização.

Nome: *Renata Vieira*

Endereço: *Rua T-55, 930, salas 704, 705 - Gal Walk Bueno*

Cidade: *Goiânia* *Setor Bueno*

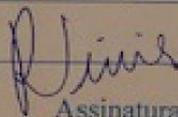
RG nº: *4037848*

CPF nº: *584.341.437-00*

Telefone para contato: *62 98118 4322*

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, 18 de novembro de 2020


Assinatura

Autorização de uso de entrevista

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha entrevista no livro-reportagem “*Frente E Verbo*” realizado pelas alunas Amanda Aparecida Rodrigues Leal e Jyeniffer Taveira Silva sob a orientação do professor Rogério Borges da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em material gráfico e digital e a livre apresentação em festivais, concursos, premiações e exposições públicas; sem qualquer ônus ou indenização à PUC-Goiás ou as alunas e orientador anteriormente mencionados.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha entrevista e assino a presente autorização.

Nome: RODRIGO ALVES DE ARAÚJO E SILVA

Endereço: RUA C-134, QD. 284, LT. 3, JARDIM AMÉRICA

Cidade: GOIÂNIA - GO

RG nº: 4360734 GO

CPF nº: 976.858.361-49

Telefone para contato: (62) 99973-8032

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, 9 de DEZEMBRO de 2020



Assinatura

Autorização de uso de entrevista

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha entrevista no livro-reportagem "Frente E Verbo" realizado pelas alunas Amanda Aparecida Rodrigues Leal e Jyeniffer Taveira Silva sob a orientação do professor Rogério Borges da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

A presente autorização abrange o uso acima indicado em material gráfico e digital e a livre apresentação em festivais, concursos, premiações e exposições públicas; sem qualquer ônus ou indenização à PUC-Goiás ou as alunas e orientador anteriormente mencionados.

Por essa ser a expressão da minha vontade, autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha entrevista e assino a presente autorização.

Nome: Herberto Paulo de F. Pereira

Endereço: Rua S-6, 140 - St. Belo Vento

Cidade: Goiânia

RG nº: 582177-3

CPF nº: 759.654.111-34

Telefone para contato: 62 99998-5622

Nome do representante legal (se menor):

Goiânia, 11 de Dezembro de 2020

Herberto Paulo de F. Pereira

Assinatura